

cadeias alimentares



Parceria

Plano de emergência liga roças quilombolas à periferia paulistana

Produção de comunidades tradicionais do Vale do Ribeira ajuda a alimentar pessoas em situação de vulnerabilidade

Catarina Ferreira

SÃO PAULO Alimentos produzidos por comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, no sul do estado de São Paulo, estão chegando às mesas de famílias vulneráveis na capital.

Desde maio de 2020, foram doadas 254 toneladas de alimentos a 31 mil pessoas, em ações sociais de cidades da área dos quilombos, como Eldorado e Iporanga, e comunidades paulistas, como Brasilândia, na zona norte, e Jardim São Remo, zona oeste.

A rede de distribuição nasceu de um plano emergencial para garantir saúde, renda e segurança alimentar aos moradores dos quilombos.

No Vale do Ribeira está a maior área contínua de mata atlântica do país, 21% dos remanescentes do bioma. Na região, que abriga também caiçaras, indígenas e caboclos, morou o presidente Jair Bolsonaro na adolescência.

A Cooperativa dos Agricultores Quilombolas do Vale do Ribeira (Cooperquival) organiza a produção e o comércio de 17 quilombos. Os alimentos chegam de comunidades que ficam em um raio de 150 km de Eldorado, onde está a sede.

O plano foi organizado com o apoio do Instituto Socioambiental (ISA), que presta assessoria às comunidades do vale.

Raquel Pasinato, bióloga e coordenadora do Programa Vale do Ribeira no ISA, conta que, com a pandemia, as parcerias para compra de alimentos da Cooperquival foram suspensas.

A produção ficou estocada. Parte dos alimentos era vendida via Programa Nacional de

Alimentação Escolar, para cidades do estado de São Paulo. Com a interrupção das aulas presenciais, a entrega de 38 toneladas de vegetais foi cancelada, sem previsão de retorno.

O ISA estima que na região existam 120 hectares plantados, o que equivale a 145 campos de futebol. Participam do plantio 1.290 cooperados, dos quais 55% são mulheres.

O plano emergencial liga patrocinadores e campanhas contra a fome às comunidades tradicionais. "Parceiros compram os alimentos da cooperativa e distribuem. A verba mantém a produção nas roças, assegura a renda nos quilombos e leva alimento orgânico para quem está vulnerável na capital", diz a coordenadora.

"É uma campanha bonita, mas não deveria ser necessária", afirma Douglas Belchior, professor e ativista da Coalição Negra por Direitos.

A coalizão reúne associações do movimento negro de todo o país e integra a campanha Tem Gente com Fome, que compra de produtores locais e da Cooperquival para doar a pessoas em situação crítica. "As entregas são em terreiros e coletivos da periferia. Cada coletivo já tem um mapeamento das famílias que precisam do alimento, e terreiros são um espaço importante de encontro das comunidades negras".

Os quilombos produzem até 70 tipos de alimento, entre variedades de banana, cacá, mandioca, milho e arroz.

"Foi um espanto ver essa variedade de frutas, legumes e verduras", diz o professor de educação física Lula Santos, 47, da associação de moradores do Jardim São Remo.

Essas doações, ele diz, contribuíram para a formação de um vínculo entre a população negra urbana, das periferias e favelas, e quilombolas. "Temos planos de ir até os quilombos, conhecer o plantio e pensar em trocas de conhecimento que podemos fazer".

As doações chegam mensalmente nas comunidades urbanas e devem seguir até janeiro de 2022.

Os alimentos da Cooperquival são produzidos a partir do Sistema Agrícola Tradicional Quilombola, reconhecido em 2018 como patrimônio imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

"A prática é ancestral, e compreende não só o plantio e a colheita, mas todo o alicerce cultural dessas comunidades", explica Raquel Pasinato.

A roça quilombola, chamada de coivara, é itinerante. A plantação fica no local por um tempo e depois é abandonada para que a mata nativa retorne, permitindo a regeneração da flora. Na área escolhida para plantio, em geral pequena, de até dois hectares, há a derrubada e a queima do material orgânico.

"O processo acontece com pausas, para que a matéria orgânica da derrubada e da queima, que é controlada, ajude a nutrir o solo", diz a bióloga.

"Na colheita, antes da pandemia, aconteciam mutirões que envolviam toda a comunidade. Depois, havia festa, música e danças. Todo o processo é muito coletivo", explica.

Na Amazônia, ribeirinhos praticam sistemas parecidos. Para que a coivara seja sustentável é preciso uma área de floresta com baixa densidade

de populacional. "Não pode ser feito em grande escala, ou em qualquer região agrícola, é preciso respeitar o tempo e a produtividade do solo", diz.

O agrônomo Maurício Biesek, assessor do ISA, diz que as roças quilombolas fazem o manejo da paisagem. O plantio e a extração dos alimentos não ferem a floresta, mesmo com área plantada expressiva.

Ele diz que, no próprio Vale do Ribeira, há preconceito com a produção quilombola, tanto da população das cidades quanto de autoridades de fiscalização, que associam a coivara a prejuízos ao ambiente e a agricultura atrasada. "O fato de a região ter uma mata preservada tão extensa com comunidades que estão há mais de 300 anos no território mostra o contrário", diz.

Por essas e outras, o reconhecimento do Iphan foi importante, afirma a moradora do quilombo São Pedro e diretora fiscal da Cooperquival, Valni de França Dias, 51.

"A gente agora pode reforçar nossas origens, falar para nossos filhos, mesmo eles tendo estudo, ou saindo daqui, que são bem-vindos para voltar".

Foi assim com seu filho Luiz Marcos, 34, professor na escola estadual que atende alunos de sete quilombos, inclusive o da região em que ele cresceu.

Luiz cursou letras na Universidade São Francisco, em Itatiba (SP), há 305 km de Eldorado. Em 2013, lecionou na periferia de São Paulo e voltou ao quilombo após um ano.

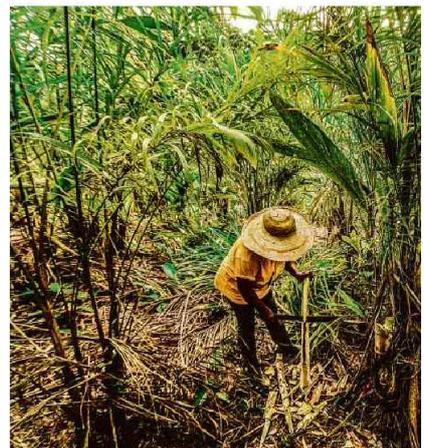
Ele diz que, apesar das diferenças entre zonas rural e urbana, as lutas da juventude negra são semelhantes. "Jovens na periferia lutam para sobreviver à violência. Aqui, também lutam, mas para sobreviver à falta de infraestrutura".

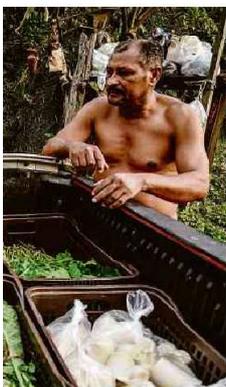
Junto aos pais, o professor acompanhou a luta pela regularização do território. "Nasci nos braços da resistência".

Registros da formação do quilombo São Pedro datam do início do século 19. Entre o grupo de homens e mulheres que se instalou ali estava Bernardo Furquim, tataravô de Valni, a mãe do Luiz.

A comunidade só teve suas terras reconhecidas pelo estado em 1988, e a questão fundiária ainda é um desafio.

Levantamento do ISA apontou sobreposição de imóveis privados em 43% das áreas quilombolas do vale. Biesek diz que boa parte da atuação do instituto é auxiliar nos processos de regulamentação.





Rocha de alface, almeirão e couve no quilombo São Pedro, no Vale do Ribeira (SP); quilombolas carregam veículo que transportará a produção até a sede da cooperativa; no plantio, mulheres são maioria, que rega plantação
Fotos Karine Xavier/Folhapress



Integrantes do Movimento de Pequenos Agricultores do Rio de Janeiro doam alimentos na comunidade da Mangueira, zona central do Rio
Zo Guimarães/Folhapress

Reação

Iniciativas pelo país ampliam acesso a alimentos saudáveis

Mapa mostra ações sustentáveis e inclusivas criadas ou alargadas na crise atual

Andrea Viali

UBATUBA (SP) De um lado, a Covid-19 deixou mais brasileiros sem quantidade e qualidade ideais de comida. De outro, fez emergir uma onda de ações de apoio a populações vulneráveis e de articulações que aproximam produtores e consumidores e criam outros canais de distribuição de alimentos.

A Ação Coletiva Comida de Verdade, rede formada por 13 organizações como o objetivo de promover segurança alimentar, mapeou 310 iniciativas de sistemas alimentares inclusivos e sustentáveis surgidas ou ampliadas na pandemia de norte a sul do país —de hortas a cooperativas, passando por campanhas de financiamento coletivo.

Do total de experiências, a maioria (58,9%) é relacionada à comercialização, como feiras agroecológicas e sistemas de entrega de cestas da agricultura familiar; 31% são ações solidárias para dar a grupos vulneráveis acesso a alimentos, e 7,5% são fruto de políticas públicas.

A maior parte das iniciativas são protagonizadas por organizações populares, redes, coletivos e movimentos sociais do campo e da cidade. "A insegurança alimentar já era um processo que vinha ocorrendo no Brasil, mas foi agravada pela pandemia. Ao mesmo tempo, houve uma reação de atores que, embora marginalizados das políticas públicas, ocuparam esses espaços", diz Potira Preiss, pesquisadora do programa de pós-graduação em desenvolvimento regional da UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul).

Ocupar um espaço público degradado foi justamente o ponto de partida para a criação da horta popular agroecológica Dandara, no bairro de Peixinhos, divisa entre Recife e Olinda (PE).

O local, onde funcionou um matadouro, tinha virado depósito de lixo. Movimentos sociais propuseram à prefeitura de Recife e ao governo estadual, donos do terreno, ressignificar a área, e mobilizaram os moradores da comunidade Dandara, próxima ao local, em mutirões.

Limparam o terreno, prepararam os canteiros e começaram os plantios em agosto de 2020. Hoje a horta produz hortaliças, raízes e ervas, com 20 pessoas trabalhando em sistema de rota-

tividade, com a recompensa de levar a colheita para casa.

"A ideia era produzir alimentos para ajudar moradores a enfrentar a fome nessa fase, e ajudar a organizar a comunidade", diz América Almeida, coordenadora do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá.

O Sabiá dá assistência técnica a agricultores que querem migrar da produção convencional para a agroecológica, e é um dos grupos que criou a horta, ao lado da Marcha Mundial das Mulheres.

Agora, o desafio é engajar mais a comunidade nos plantios e na manutenção do espaço, e estimular o consumo de alimentos da horta. "Fizemos oficinas para promover a alimentação saudável, muitos moradores não tinham o hábito de comer couve, por exemplo", diz Almeida.

Vaquinha garante plantio de milho e mandioca no Xingu

O isolamento causado pela pandemia ameaça a segurança alimentar de povos indígenas. Isso levou o movimento de mulheres da Associação Terra Indígena do Xingu (Atix Mulher) a levantar recursos para adquirir alimentos, materiais de higiene e ferramentas agrícolas destinados aos povos da TI do Xingu, que abriga 16 etnias.

Além de reunir doações de cestas, a Atix lançou campanha de financiamento coletivo que arrecadou R\$ 140 mil desde junho de 2020, o que beneficiou 130 aldeias.

"Nossos parentes não estavam conseguindo plantar o milho e a mandioca para fazer o fubá e o beiju, que são a base da alimentação dos povos do Xingu. Não podíamos depender da ajuda da Funai, arrecadamos para garantir a autonomia", diz Watakaku Yawwalpiti, coordenadora da Atix Mulher, que tem sede em Canarana (MT).

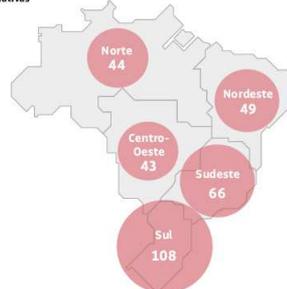
Algumas aldeias, que produzem e vendem itens como artesanato e mel, usaram o dinheiro para capital de giro, garantindo a subsistência de pequenos negócios. Agora, com o avanço da vacinação entre indígenas, a situação está mais controlada, diz a líder.

De acordo com a pesquisadora Potira Preiss, a maioria das iniciativas mapeadas

Ações de abastecimento surgidas ou ampliadas na epidemia

Mapeamento identificou até agora 310 iniciativas de sistemas alimentares sustentáveis e inclusivos

Nº de iniciativas



Tipos de iniciativa



Motivação



Fonte: Ação Coletiva Comida de Verdade

pela Ação Coletiva Comida de Verdade teve foco na geração de renda (70%). O segundo fator de motivação foi buscar melhorar a qualidade da alimentação das pessoas (38%).

Entre as tendências provocadas e aceleradas pela pandemia está a digitalização dos canais de venda e distribuição de alimentos —veio para ficar.

"Embora o acesso à internet no campo seja desigual, vimos as tecnologias de informação chegando com força, agricultores criando estratégias de comercialização e di-

gitalização por meio de canais digitais, e um 'boom' do uso do Whatsapp", afirma Preiss.

Um exemplo disso é a Feira de Agricultores Ecológicos de Porto Alegre, a primeira orgânica do país, em funcionamento desde 1989.

Na pandemia, seguiu sendo realizada com restrições, mas os produtores sentiram o baque no faturamento. A saída foi reproduzir a tradição no ambiente digital: no site feiraecologica.eco.br, cada uma das 44 bancas do evento físico expõe seus produtos, en-

treques na região metropolitana de Porto Alegre. Há de legumes, frutas e hortaliças a pães, laticínios, sucos e doces.

A feira online começou a operar em março de 2021 e hoje responde por 20% das vendas. Francielle Belle, coordenadora da Associação dos Agricultores Ecológicos e Solidários do Rio Grande do Sul, diz que o digital ajudou os agricultores em momento de incerteza. "Hoje, eles sabem que podem escoar produtos também no digital", diz.

No Rio, o MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores) também recorreu aos canais virtuais para incrementar as vendas das feiras camponesas, criadas para comercializar produtos da agricultura familiar, em especial de assentamentos da reforma agrária no entorno da cidade.

Desde 2015 o movimento vendia em um site, mas a pandemia turbinou as vendas online. "Saímos de 20 cestas vendidas por mês para 200 por semana", diz Cristina Flores, coordenadora estadual do MPA.

A venda permite a doação para famílias vulneráveis, com distribuição semanal de comida.

As cestas, que incluem produtos disponíveis no site cesta camponesa, com.br, são montadas nos Raízes do Brasil, centro de abastecimento popular em Santa Teresa, região central do Rio.

Com o fechamento das escolas na quarentena e muitas famílias em situação vulnerável, foi criada uma campanha para que os alunos das 30 escolas da cidade recebessem uma merenda escolar em casa.

Segundo Marcos Santos de Souza, assessor da Secretaria de Meio Ambiente de Marçal Thaumaturgo, a iniciativa permitiu ainda melhorar a qualidade da alimentação dos alunos e suas famílias.

"Foi uma oportunidade de inserção dos produtos da agricultura familiar agroecológica na alimentação escolar, e contribuiu para a construção de hábitos alimentares. N lugar de biscoitos e sucos industrializados, vieram sucos de frutas locais como cupuaçu, graviola e maracujá."